

5 Conclusão

Procurou-se, ao longo desta tese, apresentar a contribuição que uma abordagem construtivista pode trazer para as Relações Internacionais, examinando a Guerra Fria, e mais especificamente, seu término, para identificar como a teoria holista e individualista de Wendt pode contribuir para o debate. "Social Theory..." é um livro sobre ontologia, e por isto mesmo, não é possível nem desejável concluir sua superioridade sobre outras teorias – não é possível comparar de modo conclusivo correntes que partem de lugares diferentes.

O propósito da teoria social é colocar as principais teorias das Relações Internacionais em um contexto mais amplo, chamando atenção para pressuposições táticas que podem criar problemas, e identificando perguntas que não foram feitas. O propósito é facilitar uma investigação substantiva, e não excluir certas áreas, unificar o conhecimento e não dividi-lo.

Por isso é importante entender a origem da teoria de Wendt para entender seu resultado. Ao retratar as teorias de Relações Internacionais em um quadro que opõe idealismo/materialismo e holismo/individualismo e posicionar a teoria construtivista, Wendt está procurando uma *via media* no Terceiro Debate. Este debate opõe aqueles que acreditam que a ciência é um discurso epistemologicamente positivo através do qual podemos conquistar um entendimento mais verdadeiro do mundo e aqueles que não reconhecem este status privilegiado da ciência, ou entre positivas e pós-positivistas. (Wendt, 1999:38).

Wendt argumenta que o que importa é o que existe e não como o conhecemos, que a ciência deve ser impulsionada por perguntas e não métodos. Neste sentido, seria possível ser ao mesmo tempo um positivista e um construtivista – a teoria social construtivista é compatível com uma abordagem científica. De fato, na medida em que ambos os lados do debate são realistas (científicos) tácitos, as questões de epistemologia não são tão relevantes – a ontologia é colocada à frente, e é este o assunto do livro de Wendt.

Os tipos sociais são relevantes, não para criar uma oposição com tipos materiais (são pontas em um eixo, nenhum tipo é puramente social ou material), mas para ressaltar o papel que questões e efeitos constitutivos podem ter, e o papel

que uma ciência social crítica pode ter na investigação da estrutura profunda da vida internacional.

Deste modo, compreende-se a importância que idéias e estruturas sociais podem ter na política internacional – a teoria constitutiva é particularmente relevante para mostrar que há múltiplas maneiras de chegar a um mesmo fenômeno – a *multiple realizability*. Tipos sociais são freqüentemente reificados – produtos da atividade humana são tratados como se fossem algo além disto, como fatos da natureza, esquecendo a própria autoria do mundo social. Mas quando coletividades tomam consciência dos tipos sociais que estão construindo e procuram mudá-los existe um momento de reflexividade, e este momento importante é o final da Guerra Fria.

Um tipo social pode "conhecer a si mesmo", transcender a distinção entre sujeito e objeto e criar novos tipos sociais, num processo de dupla hermenêutica (Giddens) : as teorias científicas sociais tem o potencial de se tornar parte do mundo, ao mesmo tempo em que o observam. O pensamento reflexivo só é possível em tipos sociais. Como indivíduos fazemos isto o tempo todo (particularmente em sessões de análise), mas até estados são capazes de fazê-lo, como a União Soviética com o Novo Pensamento.

A cultura é crucial para este projeto porque incorpora o potencial de mudança, na medida em que não é reificada, mas sim construída e reforçada na interação entre os Estados. Se estruturas e agentes são ambos efeitos do que os atores fazem, são em si processos, constantemente produzidos e reproduzidos na prática. Não é que estados não possam adotar identidades egoístas e auto-interessadas, mas é que o Realismo toma uma posição implícita sobre o que a vida internacional deveria ser – e ao excluir certos tipos de perguntas de fato toma uma posição normativa - porque se o auto-interesse não é sustentado na prática não sobrevive e daí nasce a possibilidade de mudança estrutural. A auto-ajuda é uma instituição, ou seja, uma das vários tipos de estrutura de identidade e interesses que podem existir sob a anarquia.

Estados agem em relação a outros atores na base do significado que estes objetos tem para eles. São os significados coletivos (conhecimentos compartilhados) que organizam nossas ações. Atores adquirem identidades – que são conhecimentos e expectativas sobre o *self* que são relativamente estáveis e com papéis específicos – ao participar de tais significados coletivos. Estas

identidades são inerentemente relacionais, ou seja, é uma definição social que surge da interação entre os atores (interacionismo simbólico).

O início do relacionamento entre os atores não é um dilema de segurança, este dilema não é dado pela anarquia. Uma vez institucionalizado (ou seja, uma vez internalizada uma cultura Hobbesiana) esta pode ser difícil de mudar, mas isto não muda o fato de que o processo social é um de construção e reconstrução desta cultura na interação. A mudança das práticas muda o conhecimento intersubjetivo que é a base do sistema.

O processo de criar instituições portanto é um de criar restrições externas para o comportamento de atores exogenamente dados, mas sim um de internalizar novas concepções de *self* e *other*, de adquirir novas identidades.

O final da guerra fria é uma mudança e é um exemplo de como estados podem transformar um sistema competitivo em um cooperativo – quebrando o consenso, refletindo criticamente sobre o *self* e *other*, praticando *altercasting* e obtendo uma resposta recíproca. Ao se examinar esta e outras questões, procurou-se aplicar e refletir sobre a teoria de Wendt e a contribuição que pode fazer ao debate teórico em torno do tema – dando conteúdo à famosa frase "anarchy is what states make of it". Alguns pontos de discussão sobre a mudança após a mudança (o momento atual) podem ser levantados em caráter especulativo.

Ao demonstrar o poder explicativo das idéias ao constituir interesse e dar significado ao poder, procurou-se mostrar que mesmo quando o neorealismo parece estar certo, o está pelos motivos errados, ou seja, a cultura e as hipóteses sobre qual é a lógica da anarquia tem um papel importante mas implícito. Neste sentido, quando, no momento atual, há um recrudescimento das tensões internacionais e a aliança Kantiana ocidental pode se romper em rivalidade, o construtivismo continua a ser uma ferramenta útil: mesmo a cultura Hobbesiana mais caótica teria uma dimensão cultural – na interação existe a constante formação de conhecimento compartilhado e de aprendizado.

Estaria o processo de formação de um sistema internacional cooperativo em perigo? Seria apenas um governo (Bush) capaz de ameaçar a formação de instituições internacionais e da construção de cultura Kantiana? Se a resposta for positiva, existe uma indagação interessante: as conseqüências tão destrutivas (a perda de legitimidade da ONU, a quebra da aliança ocidental, a concepção de *preemptive strike*) seriam uma resposta apenas à política americana? Talvez seja

de fato uma reação que já estava incubada fazia muito tempo, e precisava de um bom motivo para acontecer, ou seja, já havia um ressentimento claro em relação a essa aliança política e a esta cooperação, mas este teria sido mantido abaixo da superfície pela diplomacia do governo anterior.

Mas existem vários elementos na situação que demonstram a força de conhecimentos compartilhados: mesmo com todo seu poderio, os Estados Unidos ainda tentaram (de forma desajeitada) justificar e explicar cada passo de sua ação e buscar o apoio das Nações Unidas. A reação internacional é significativa, e observamos um papel relevante inclusive para a ex-União Soviética (dotada de nova identidade), argumentando, mesmo que sem sucesso, contra a guerra.

A guerra de fato aconteceu por cima de tudo e todos, mas a perda de capital político dos Estados Unidos foi imensa. O custo, não só econômico (em um momento de fragilidade interna) mas principalmente nas relações externas pode inspirar uma certa cautela no futuro. Mesmo quando a maior potência militar do planeta insiste em ir em frente, o resto do mundo hesita, discute ou protesta. Talvez os Estados Unidos constituam uma "ameaça comum" para o resto do mundo, um ponto de acordo entre os estados de bom senso, solidificando a cultura Kantiana e promovendo a coesão.... se não a destruírem antes.